



Autobiografia socioambiental de um grupo agroecologista: relato cartográfico do processo de mediação

*Socio-environmental autobiography of an agro-ecologist group:
cartographic account of the mediation process*

MAZZARINO, Jane M.¹; TURATTI, Luciana²

¹ Universidade do Vale do Taquari - Univates, janemazzarino@univates.br;

² Universidade do Vale do Taquari - Univates, lturatti@univates.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Arte, cultura, comunicação popular e agroecologia

Resumo: O estudo dá sequência aos resultados da pesquisa-intervenção que possibilitou a apropriação de tecnologias de comunicação por um grupo de mulheres produtoras agroecológicas, que atua desde 1999 na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil, tendo sido o grupo pioneiro. Elas produziram o filme Sementes de Vida, com apoio do grupo de pesquisa Ecosofias, Paisagens Inventivas (CNPq) atrelado ao Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Do filme, surgiu um livro, lançado em 2022, que intitula-se Um abraço à vida: autobiografia socioambiental de um grupo agroecologista. O objetivo deste Relato de Experiência Técnica é expor como foi o processo de mediação da feitura do filme. A pesquisa é qualitativa, exploratória e descritiva, com viés participativo e metodológico, caracterizando-se como uma experiência de pesquisa-intervenção que assume a cartografia como forma de relato dos acontecimentos criados em campo.

Palavras-chave: mulheres; autonomia midiática; facilitação de grupo.

Contexto e seus pretextos

O estudo dá sequência aos resultados da pesquisa-intervenção que possibilitou a apropriação de audiovisuais por um grupo de mulheres produtoras agroecológicas, que atua desde 1999 na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil. Elas produziram o filme Sementes de Vida, com apoio do grupo de pesquisa Ecosofias, Paisagens Inventivas (CNPq) atrelado ao Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

As filmagens aconteceram entre setembro de 2017 e o início de 2018. As edições foram feitas ao longo de 2018 e 2019, com a estreia acontecendo em 2019. O filme (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qMiHOBey7jU&t=326s>) é uma composição dos pontos de vista de cada uma sobre a constituição do grupo, as práticas do trabalho agroecológico e a interação com a comunidade. O documentário tem valor histórico, de registro da memória social, e é educativo, pois compartilha o modo de vida agroecológico. A sinopse do filme esclarece como a autonomia e a equidade foi assumida:

O grupo de mulheres agroecologistas assumiu a autonomia para contar a história que escolhessem, que foi organizada em um roteiro construído por elas. Os pesquisadores apoiaram o processo com o uso de metodologias



de co-criação. Elas coletaram as imagens e, alternadamente, ocuparam os papéis de entrevistadora, câmera e entrevistada. A edição foi realizada pelos pesquisadores, seguindo o roteiro e as solicitações das agroecologistas, até que estas o aprovassem.

A agroecologista Helena Weizenmann, uma das protagonistas, relata sobre a experiência de fazerem um filme: "É ser os atores e os autores reais dessa nossa opção de viver no dia a dia. É ser valorizado independentemente do nosso grau de instrução."

Do filme, surgiu um livro, lançado em 2022. O livro apresenta as narrativas e os processos de significação que emergiram, além dos modos de apropriação das tecnologias de mídia em práticas de comunicação ambiental colaborativa, e intitula-se Um abraço à vida: autobiografia socioambiental de um grupo agroecologista.

Do convite aos lançamentos do filme e do livro, todo processo assumiu a interdisciplinaridade como sinônimo de diálogo de saberes populares e científicos. O filme apresenta o grupo falando em primeira pessoa, no livro, as agroecologistas e os pesquisadores se intercalam no relato. Desse modo a autonomia e a equidade são assumidas e vividas radicalmente nesta experiência que envolve os temas do Eixo Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia. O objetivo deste Relato de Experiência Técnica é expor como foi o processo de mediação da feitura do filme.

Método

A pesquisa é qualitativa, exploratória e descritiva, com viés participativo e metodológico, caracterizando-se como uma experiência de pesquisa-intervenção que assume a cartografia como forma de relato dos acontecimentos criados em campo. Tecnicamente, se fez uso da observação participante, de registros em diários de campo e de entrevistas em profundidade, além da análise do documentário.

A cartografia é um convite a reinventar a pesquisa de campo. A subjetividade do pesquisador é assumida como uma força decorrente da sua experiência no campo. Na cartografia o pesquisador se coloca como implicado pelo acontecimento da pesquisa, mergulhando na experiência psicossocial com os participantes, deixando-se atravessar pelas forças que advém dela (Passos, Kastrup, Escóssia, 2014).

Ao habitar o território, sua atenção está atenta e aberta à experiência e à subjetividade, consideradas elementos para a construção coletiva do conhecimento com os participantes. Foi assumindo este lugar que observamos como se deu o processo de mediação na construção do filme, relatando no livro e no XII Congresso Brasileiro de Agroecologia como forma de alimentar inspirações mútuas.



Cartografias: registros de onde pousa o olhar na mediação

A mediação é um jogo de possibilidades entre os participantes e deles com o planejamento, que nunca se realiza sem rearranjos. Tudo começa já no primeiro encontro. Foi solicitado às participantes que escrevessem sobre o que observavam no seu cotidiano e anotassem. O objetivo dos pesquisadores era gerar possibilidades de materiais para o filme (Disponível em <https://quipaeditora.com.br/autobiografia-agroecologia>). Uma agroecologista fez uma poesia no início e outra uma avaliação do processo no final. A técnica pode não ter produzido efeito pela cultura oral ser predominante, por considerarem que não escrevem bem ou que não são criativas, como chegaram a relatar, ou, ainda, por falta de tempo, entre outros elementos possíveis. No entanto, a solicitação que escrevessem o que observavam ou as ideias que surgissem gerou uma atenção ao que lhes ocorria entre um encontro e outro, o que foi relatado e alimentou o filme.

É preciso observar que mesmo com alguma timidez inicial, elas interrompiam os pesquisadores gerando igualdade de poder de fala e imprimindo o clima das intervenções, que era solto, fluido, leve, descontraído. Foi necessária a adaptação das metodologias continuamente, pois o processo e a energia do grupo, assim como os repertórios culturais interferem no seu uso e resultados. A flexibilidade dos pesquisadores para encaixes é valiosa quando se aventuram em metodologias colaborativas.

Ao longo da mediação do processo de feitura do filme artesanal, a mediadora ia apresentando as técnicas para as atividades dos encontros e, ao mesmo tempo, dava uma noção do porque as estava usando, o que deu transparência ao processo. O objetivo era compartilhar o conhecimento para que, eventualmente, elas se apropriassem desse para seu bem fazer.

A valorização dos saberes do grupo se deu por aproximações. Quando mostravam não valorizar seus conhecimentos privilegiando o dos pesquisadores, a mediadora lembrava que cada planta tem seu valor na agroecologia. Essa tática gerava aproximação. A mediadora contava de si em alguns momentos e, assim, também ia criando um espaço de confiança. Ao longo dos encontros ia sintetizando as falas do grupo e buscando validação: é isso? Um desses momentos foi durante a chuva de ideias que gerou o roteiro. Assim, as metodologias colaborativas possibilitaram uma prática radical da ecologia de saberes fundadora da interdisciplinaridade.

Todos estavam em aprendizagem, em equidade. Quando as mulheres dizem que nunca pegaram uma filmadora expõe um não saber, e a mediadora responde expondo seu não saber:

Nunca pegaram numa filmadora, como é que vai se dar essa apropriação? Eu vou estar observando isso, não porque tem que ser de um jeito e de outro, eu vou observar o que acontece, que nem vocês fazem quando vão plantar a mandioca em pé para observar o que acontece. Tu está pesquisando. E eu estou pesquisando. E as filmadoras, que histórias elas



contam: é isso que me interessa, que história vocês contam. Eu estou ajudando a organizar as ideias só. [...] E esse jeito de pesquisar, a raiz é dos anos 70 quando o Paulo Freire começou a falar dessas coisas e valorizar isso. Ele sempre acreditou que as pessoas são sujeitos e não objetos de estudo. Então, poderia vir aqui e dizer e colocar vocês numa situação de objeto de estudo. Eu venho aqui, entrevisto e tal e não compartilho nada com vocês. Mas do jeito que eu estou trabalhando vocês são sujeitos do próprio conhecimento que vocês vão construir. Então é outro lugar de fazer.

Ao assistirem as cenas se encaixando ao longo do processo de edição, quando os pesquisadores levavam para elas irem validando, ainda mostravam alguma insegurança em relação a este saber até então estrangeiro no mundo delas. Helena se mostrava estimulada: "a gente quer fazer e divulgar também [...] a gente tá conseguindo aproveitar esse espaço".

Uma das pesquisadoras intervém num desses encontros: "Eu sempre escutei de vocês, até transcrevendo os áudios, vocês falaram muito disso de 'ah a gente não poderia, a gente não conseguiria', mas sim, agora olhando os vídeos todo mundo viu que vocês podem". Assim, o projeto trouxe possibilidades de perceber a evolução de todos envolvidos. Seja das agroecologistas, que perceberam sua importância para a comunidade ou a sua capacidade de produzir algo fora de seu comum, ou a percepção dos pesquisadores sobre possibilidades potentes da pesquisa-intervenção. Em um dos últimos encontros, quando se estava validando a edição com o grupo, André, o técnico agrícola da Emater que as apoiou desde o início do grupo, verbaliza sobre o filme quase pronto: "Pra mim foi algo inédito. Nunca passei por uma situação dessas." A pesquisadora-mediadora então fala:

Esses registros, além de estar fazendo um filme, a gente tá analisando como é fazer um filme em uma comunidade, como as pessoas se apropriam de coisas que são desconhecidas pra elas. E no caso, pra nós também porque a gente nunca tinha feito um filme com algum grupo. Então nós também estamos nos observando.

Uma das pesquisadoras, ao ler os relatos, escreve:

A parte mais interessante de todo o projeto, para mim, é observar e entender como determinadas pessoas se apropriam do desconhecido. De algo que talvez elas nunca teriam a oportunidade de se relacionar, pelo menos não de um jeito tão 'intenso', com explicações, práticas do jeito que elas gostariam de apresentar. Assim como nós, se pegássemos o papel de agroecologistas.

Por um dia, não iríamos saber lidar com o plantio, a colheita, etc. com tanta propriedade como elas sabem. Não só por praticarem isso todos os dias, mas também por terem crescido em um ambiente com essas influências.

A pesquisadora mediadora continua: "eu acho que o papel da universidade. É uma iniciativa sustentável: gera desenvolvimento pessoal, desenvolvimento comunitário e está a serviço da Terra. Então esse é um tipo de projeto que representa isso. Todo mundo ganha". Para ela, "esse é o lance do projeto colaborativo. Aquele que lança a



ideia não está no centro. O centro é o propósito [...] esse é o poder, o que nos une aqui: mostrar uma história”. A pesquisadora cita o roteiro em post-it. “Nunca vi isso. Mas a gente inventou com o projeto. Geralmente o roteiro é uma coisa muito mais complexa. Então dá pra fazer as coisas de uma forma muito simples e sem ter uma pessoa no centro”.

Uma agroecologista lembra que a pesquisadora mediadora não aparece no filme. A pesquisadora então lembra que ela aparece no *making-off*. Essa tem sido uma linha que atravessa fortemente o grupo de pesquisa, como escreve uma pesquisadora-bolsista: “Não é preciso ter alguém do topo para comandar e ser o centro do trabalho. Todos podem ser. Vejo muito isso como um ensinamento do grupo. Todos podem ser protagonistas juntos, estando na universidade ou no campo.”

Um elemento organizativo foi, ao início de cada encontro, retomar o que já fora feito até ali e indicar os próximos passos que precisaríamos seguir para construir o filme. O objetivo era manter o foco e o entusiasmo, lembrando as evoluções ao longo do processo. Em alguns momentos a pesquisadora-mediadora tornava sua função um pouco invisível, tornando-se quase uma delas, talvez pelo seu interesse genuíno pelo tema da agroecologia, o que gerava intercâmbios de conhecimentos, talvez pela postura de proximidade que buscou adotar.

Como pesquisadoras-participantes, as agroecologistas foram descobrindo como contar a história e os pesquisadores descobrindo como criar disparadores para produzir situações de fazer contar histórias usando as máquinas de ver. A adaptação ao uso dos equipamentos, das baterias, etc. foi problemático de início, foi uma adaptação delas aos equipamentos e também do grupo de pesquisa, que pela primeira vez fazia este tipo de experiência de pesquisa-intervenção com metodologias colaborativas e tecnologias midiáticas de audiovisual. Este, que poderia ter sido um elemento que tiraria a força da ideia, acabou sendo uma potência, porque igualou a todos os envolvidos: ninguém tinha experiência de ter feito um filme antes, nem pesquisadores, nem agroecologistas. Novamente a equidade foi uma potência que permeou o processo gerando proximidade.

O filme é sobre um grupo de agroecologistas que apropriaram-se de suas histórias. Mais que câmeras, foram roteiristas e diretoras de sua história. Assim, foi garantida a autoria coletiva deste filme amador. Ao final nos perguntamos: elas conseguiriam fazer um filme sozinhas? Não conseguiriam filmar tudo sozinhas, precisariam de apoio técnico, mas elas assumiram autonomia total na construção do roteiro.

As práticas educomunicativas foram uma estratégia metodológica para processos criativos articulados às experiências vivenciais e colaborativas em ambientes naturais, possibilitando uma pesquisa coletiva, divertida, dialógica, que valorizou o entrelaçamento de saberes científicos e populares.



Gallois e Carelli (1995) escrevem, a partir do estudo sobre apropriação e manipulação de imagens por indígenas, que este tipo de prática inovadora provoca reelaborações, reflexões e reordenações nas relações com a própria cultura e a dos outros. O ato de narrar é um ato expressivo e de comunicação intergrupal. Explorar a produção de imagens provoca as pessoas a organizarem narrativas sobre sua relação com e no mundo que vivem, abrindo possibilidades estéticas e políticas. O ser humano é uma espécie que produz imagens e, com a evolução tecnológica, se prolifera esta prática cultural.

Conclusão

A pesquisa-intervenção ficou como um gesto de comunicação ambiental ecosófica, inspirada em Guattari (1991). Contra a uniformização e usinagem midiática, Guattari propõe fundar a era pós-mídia pela via da ressingularização a partir da acessibilidade às tecnologias de comunicação. Apropriar-se das mídias não para produzir informação, que degrada a experiência, mas para produção de relatos, os quais incorporam o acontecimento na vida de quem o conta, comunicando sua experiência para quem escuta, já que o narrador deixa seu traço no relato. Mediamos isso no ato de maquinar um filme colaborativo, amador, em que, como pesquisadores, queríamos provocar composições metodológicas transversais. Pensamos que conseguimos.

Órgãos financiadores

Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (Fuvates) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. Introdução: Rizoma. Volume I, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GALLOIS, Dominique T.; CARELLI, Vincent. Vídeo e diálogo cultural – experiência do projeto vídeo nas aldeias. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 61-72, jul./set. 1995. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a05.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2015.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1991

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.